



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Camino, Cleonice; Camino, Leoncio; Moraes, Raquel
Moralidade e socialização: estudos empíricos sobre práticas maternas de controle social e o
julgamento moral
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 16, núm. 1, 2003, pp. 41-61
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18816106>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Moralidade e Socialização: Estudos Empíricos sobre Práticas de Controle Social e o Julgamento Moral

*Cleonice Camino*¹

Universidade Federal de Pernambuco

Leoncio Camino

Universidade Federal da Paraíba

Raquel Moraes

Universidade Estadual da Paraíba

Resumo

Este estudo teve 3 objetivos. O primeiro foi investigar as práticas de controle social utilizadas para prevenir comportamentos indesejados de seus filhos. O segundo foi verificar a relação entre as práticas maternas e o julgamento moral dos filhos. Por fim, o terceiro foi validar o questionário de práticas maternas de controle social. Para tanto, foram realizadas 3 pesquisas: duas de campo – em que foram avaliadas as técnicas utilizadas pelas mães e a sua relação com o julgamento moral dos filhos – e uma de campo e laboratório – para a validade do questionário. Participaram do primeiro estudo 110 diádes de mães-filhos; do segundo, 222 mães, das quais 22 foram observadas com seus filhos em situação de laboratório. A idade das crianças variou entre 5 e 11 anos. As mães responderam a um questionário sobre técnicas de controle e as crianças a dilemas morais. As respostas mostraram a existência de dois fatores, que foram considerados como controle interno e externo. O controle interno associou-se a um nível mais elevado de desenvolvimento moral do que o controle externo. Os comportamentos no laboratório foram consistentes com suas respostas aos questionários.

Palavras-chave: Práticas maternas de controle social; julgamento moral; validação de instrumento.

Morality and Socialization: Empirical Studies on Maternal Practice of Social Control and the Moral Judgment

Abstract

This study had 3 goals. The first aim was to explore maternal practices of social control used by mothers to prevent undesirable behavior of their children. The second goal was to investigate the relationship between maternal practices and children's moral judgement. The last goal was to validate mothers' answers on maternal practices of social control. To attain these goals, field and laboratory studies were conducted: two field studies evaluated the prevention techniques used by mothers and the relationship of these techniques with the moral judgement of their children. In the laboratory studies (the questionnaire answered by mothers was validated. The first study had 110 mother-child dyads; the second study had 222 mother-child dyads. The third study had 72 mother-child dyads, 22 of which were observed with their children during a laboratory situation. The children's age varied from 5 to 11 years old. The mothers' responses showed the presence of two factors considered as inner and external controls. The inner control was associated to a higher moral judgement than the external. Mothers' behavior in the laboratory showed consistency with their answers.

Keywords: Maternal practices of social control; moral judgement; questionnaire validity.

exemplos que demonstram essa ausência de valores morais e sociais de que padece a sociedade brasileira.

Embora a moral forme “uma estrutura de princípios, idéias e preceitos muito complexa, e incorpora todos os elementos de pensamento, comportamento e sentimento” (Rawls, 1971/1981, p. 340), ela pode ser interpretada como “um conjunto de normas aceitas, livre e conscientemente, que regulam o comportamento individual e social dos homens” (Vasquez, 1969/1983, p. 49). Entendendo a moral nesses termos, acredita-se que a crise moral que atinge a sociedade brasileira pode ser vista como fazendo parte de uma crise moral mais ampla que pode ser debitada, em grande parte, às formas que o capitalismo toma atualmente, o qual, segundo Apel (1992), gerou progressos técnicos e científicos sem ter gerado uma ética compatível com esses progressos, uma ética baseada na cooperação, tendo como tônica a responsabilidade solidária. Ao contrário, segundo Habermas (1973/1978), o capitalismo neo-liberal propicia a manutenção de uma ética voltada para os valores especificamente burgueses do individualismo possessivo e do utilitarismo benthaniano. Além disso, para Habermas, o capitalismo neo-liberal provoca uma crise de motivação que se revela através de: atitudes individualistas e opiniões despolitizadas na vida pública; adesão a valores dirigidos ao lazer e ao consumo na vida familiar; e adoção de valores compatíveis com a concorrência pelo status social na vida profissional. É neste sentido que Camino, Da Silva, Machado e Pereira (2001) afirmam que a mentalidade pós-moderna inclui tanto aspirações universais e globalizantes como aspirações setoriais (nacionalistas) que o espírito de concorrência e a meritocracia capitalista inculcam. Por isso, na mentalidade pós-moderna, coabitam aspirações moralistas de fraternidade e de igualdade e preocupações realistas de justiça concreta, num mundo visto, essencialmente, como competitivo.

Relacionados ao sistema capitalista, outros fatores – históricos, culturais, sociais e políticos – também têm contribuído para a profunda crise moral brasileira. Mas

definições de socialização no campo colocará em evidência a concepção funcionalista nesta perspectiva.

Esperar pela criança, existe uma sociedade de cultura. A criança é colocada no meio de um mundo de viver, possuindo certas possibilidades de informação e desenvolvendo motivos que de forma organizada de viver possa influenciar a sua vida (193).

A socialização refere-se à adoção e internalização de valores, crenças e maneiras de perceber e interpretar o mundo que são compartilhadas pelo grupo. Quando a internaliza, o indivíduo termina por desejar comportar-se de maneira que os outros desejam e esperam que o faça, tornando-se assim um membro responsável do grupo. (Jones & Gerard, 1979)

A socialização é o processo pelo qual o comportamento da pessoa é modificado a fim de se conformar ao padrão dos membros do grupo ao qual ela pertence (Backman, 1964, p. 462).

Essas definições de socialização, na perspectiva adotada nos Estados Unidos, um forte determinismo social, onde, por exemplo, é concebido como algo externo, estando, no sentido abstrato e, por outro lado, o sujeito, sua individualidade, é visto como um agente, menos passivo dos elementos sociais a que está sujeito (Camino, 1996).

Já na Europa, Piaget (1975), embora o funcionalismo darwinista subjacente a psicologia acentua os aspectos dinâmicos do conhecimento, o sujeito. Ele afirma que o conhecimento se constitui de uma construção ativa do organismo, que, ao interagir com o meio ambiente, construção compostas por estruturas – ou estágios – simples, que se desenvolvem gradualmente, para estruturas complexas, mais abstratas, em busca de um melhor equilíbrio. As teorias de Piaget indicam a forma adaptativa e dialógica de

família, a escola e os meios de comunicação. Mas cabe também a Piaget (1932), ao analisar o desenvolvimento moral, colocar em relevo a importância dos pares no processo de socialização. Na realidade, para Piaget, a relação de obediência da criança com o adulto favorece o desenvolvimento de uma moral heterônoma. É somente através da cooperação entre pares que a criança torna-se capaz de uma moral autônoma. Isto porque, por mais que o adulto procure compreender o ponto de vista da criança e procure estabelecer uma comunicação de igual para igual, as relações entre eles permanecem hierarquizadas, propiciando apenas o respeito unilateral da criança para com o adulto. As relações entre crianças, ao contrário, propiciam a descentração – cada um torna-se capaz de se colocar no lugar do outro – e, juntamente com a descentração, surgem o sentimento de reciprocidade e o respeito mútuo, elementos indispensáveis para uma moral autônoma.

Embora, classicamente, o grupo tenha sido o objetivo visado no processo de socialização, estudos recentes mostram o papel relevante que o próprio grupo desempenha como agente de socialização (Tajfel, 1981). Para entender isso, deve-se ter em conta que as interações entre os níveis psicológico e sociológico são processos de “mão dupla”. Numa direção, os processos subjetivos são influenciados pelas formas concretas que uma formação social adota; enquanto que, na direção oposta, as formações sociais são construídas, dinamicamente, pelo conjunto de representações e ações dos indivíduos que as constituem.

Assim, no processo de socialização, crianças e adolescentes começariam a reconhecer seus interesses a partir de sua inserção ativa nos diversos grupos da sociedade. Esse aspecto da socialização se apoia, principalmente, nos processos de constituição da identidade social. De fato, os grupos construiriam suas identidades nas relações inter-grupais e os sujeitos se “socializariam” neste processo (Camino, 1996).

Na realidade, é na interação com os outros grupos que um grupo constrói, conjuntamente com os sujeitos que a ele pertencem, os valores e normas que formam a identidade

são consequências dessas relações que deve ser analisada a influência na socialização da moralidade.

Em um estudo sobre valores de comunicação, Camino e C. seguindo a tipologia de Kohlberg, analisaram novelas da Rede Globo e os valores transmitidos com maior freqüência: moral heterônoma ou constitutivo, domínio e o poder sobre os outros, chantagens, a justiça expiatória, oportunismo (usar o outro para os próprios), a desonestade e a não aceitação dos seus próprios atos.

Já Camino e colaboradores (2002) analisaram os personagens identificados como pouco simpáticos transmitindo moral heterônoma, porém os muito simpáticos freqüentemente esses valores, entre os valores referentes ao bem-estar social. Em um outro estudo, Camino, C. e C. (2003) estudando adolescentes que se situavam na tipologia kohlbergiana, observaram que o nível de empatia para com os outros era pouco atrativo, maior o nível de adesão aos valores heterônimos transmitidos por personagens significativamente mais elevado que o da telenovela do que em relação ao questionário. Assim, esse estudo mostra que os telespectadores por personagens diminuir sua capacidade crítica.

As formas como se socializam, portanto, múltiplas e bastante diversificadas, é necessário não só analisar os processos de socialização no desenvolvimento, como recolocar estas influências econômicos e políticos nos que a realidade social.

comportamentos dos filhos é uma constante que transcende a diversidade das normas culturais (Darling & Steinberg, 1993).

Além disso, deve-se também ter em conta que a conduta dos pais não é só determinada pelo contexto sócio-cultural em que ocorre, mas que ela também é afetada pelo comportamento dos próprios filhos. Esta influência tem sido observada já no aleitamento, quando mãe e criança estabelecem, em intercâmbio mútuo, o ritmo de alimentação (Kaye, 1982). No que concerne especificamente às técnicas de controle, Schaffer (1984) tem observado que o padrão de interação vocal e de gestos entre a mãe e o bebê servirá posteriormente de base para o ritmo do diálogo nas futuras ocasiões de controle. Por sua vez, Chapman (1979) tem mostrado como disposições concretas das crianças delimitam a intervenção parental. Assim, este autor constata que, em situações em que os filhos estão muito desatentos, ordens dadas por suas mães de forma simples e clara são mais eficazes do que o diálogo para conseguir que eles se comportem corretamente.

Mas, uma determinada situação, em um contexto específico, não permite caracterizar a relação entre pais e filhos. É necessário que se estabeleçam certas relações constantes entre as formas como os pais atuam em relação ao comportamento dos filhos e as diferentes situações do cotidiano, para caracterizar um estilo de atuação chamado de *estilo de socialização*. De acordo com Musitu e García (2001, p. 9), “os estilos de socialização parental se definem pela persistência de certos padrões de atuação e pelas consequências que esses padrões têm para a própria relação pais-filhos”.

De fato, os estilos de socialização seriam caracterizados por um conjunto de técnicas e formas de atuação que abrangem desde atitudes de aceitação até atitudes de controle dos comportamentos indesejados e imposição de limites aos filhos. Essas últimas se constituem no que a literatura denomina de *controle parental*. Neste campo de estudo, destaca-se, como uma das contribuições mais importantes, os trabalhos de Hoffman e coautores (1963, 1963,

pelo emprego de coerção externa, ou de impulsionar ou punir uma falta cometida. Com técnicas, esses autores citam todas as formas real, salvo a retirada de afeto.

Analizando as técnicas enquanto procedimento, Hoffman (1963a, 1975, 1983, 1994) diz que sobre a socialização depende de dois componentes: de pressão e conteúdo. O grau de pressão é a capacidade que ela tem de provocar um sentimento – ansiedade – devido ao bloqueio de um desejo motivado. O conteúdo é o aspecto qualitativo da informação que a técnica pode fornecer. O que se refere ao grau, a afirmação de poder pode ser mais elevado de ansiedade na criança, a indução a um nível médio e a indução a um nível baixo. No que se refere ao conteúdo, a afirmativa de imposição, ameaça, chantagem – e a rejeição –, as expressões de raiva e distanciamento – e a dificuldade de se relacionar com as pessoas que não se interessam por conteúdos para o aparecimento de uma estrutura de controle.

Tentando aprofundar os mecanismos que sustentam as diversas técnicas, Aronfreed (1968) distingue entre uma orientada para o amor e outra para o desprazer, estímulos aversivos. Constança da primeira é a *retirada de afeto* e a *ignorância prototípicas*, como a retirada de afeto e a expressão de desprazer. A segunda é a *punição prototípica*, que também inclui a *agressão verbal* e *injúrias*. Essas técnicas podem ser vistas como envolvendo, respeitando ou desrespeitando os padrões de aprendizagem: a indução e a sensação de desprazer. Os padrões, por sua vez, podem ser visões de mundo que são responsáveis pela orientação interna ou externa que a criança adquire, no controle do seu comportamento. A indução, por não depender de contingências externas, é uma técnica que produziria na criança mais do que a sensação de desprazer, depende de contingências externas –, que é a sensação de desprazer.

contexto sócio-cultural em que essas técnicas são utilizadas, bem como da conjugação delas com exigências parentais (confrontação, disciplina constante e contingente, orientação) e das técnicas afetivas (uso da empatia, reciprocidade e comunicação clara e centrada na pessoa). Tendo como base uma distribuição de crianças em três grupos, classificados a partir das características sócio-emocionais dessas crianças, Baumrind (1968, 1971) identificou, inicialmente, três estilos educativos usados pelos pais dessas crianças:

- Pais diretivos – controladores e exigentes, mas também calorosos, empáticos, comunicativos e compreensivos com os seus filhos, que usam tanto a indução como a punição;
- Pais autoritários – distantes, pouco empáticos, controladores e, sobretudo, punitivos com os seus filhos;
- Pais permissivos – não controladores, não exigentes, relativamente calorosos, e empáticos, que se comportam de forma não punitiva.

Baumrind (1971) verificou, em uma pesquisa realizada com 146 crianças e suas famílias, que, nas meninas, o controle utilizado pelos pais diretivos associava-se positivamente com todos os índices de responsabilidade social. Já o controle parental autoritário associava-se negativamente aos índices de responsabilidade social. Quanto ao controle permissivo, quando associado a um certo grau de rejeição paterna, parecia facilitar tanto a expressão de forças autônomas de natureza construtiva como de natureza socialmente destrutiva.

Posteriormente, Baumrind (1991, 1996) acrescentou ao modelo anterior os pais não engajados – aqueles que não são exigentes, não são empáticos e não demonstram interesse pelos seus filhos.

Partindo dos pressupostos teóricos já apresentados, pode-se indagar: como as diversas técnicas ou os diversos estilos de socialização parental influenciam o desenvolvimento da moralidade? Para Hoffman (1983, 1994) e Aronfreed (1968), a indução favoreceria uma moral autônoma, enquanto a afirmação de poder e a retirada de afeto favoreceriam uma moral heterônoma. Já para Piaget

observados nos Estados Unidos. Para responder a esta pergunta, decidiu-se elaborar uma pesquisa sobre o tema, focalizando a família como espaço de socialização. No presente estudo, inicialmente, um estudo exploratório, com base nos instrumentos e levantaram-se os estilos de relações existentes, na Paraíba, entre pais e filhos. O desenvolvimento do julgamento moral, no momento, será apresentado uma vez que o pesquisador procurou confirmar os resultados obtidos no estudo. Finalmente, mostrar-se-á como é possível validar experimentalmente o conceito de moralidade, nos estudos anteriores e observar a influência das técnicas de controle e julgamento moral.

1º Estudo, de Caráter Exploratório, sobre as Relações entre o Controle Materno e o Julgamento Moral

Em seus estudos, Hoffman (1983, 1994) e Aronfreed (1968) observaram que existência de três técnicas de controle parental: o controle real, a ameaça de retirada de recompensas e as consequências da ação proibida. No entanto, no Nordeste, essa classificação parece não ser a mais adequada, uma vez que não contempla formas de controle que não existem no cotidiano das famílias nordestinas. Uma primeira constatação é que as famílias de mães no Nordeste, como na maioria das famílias de outras regiões, usam a ameaça de punição como forma de controlar o comportamento das crianças, promessa de uma gratificação ou ameaça de punição, caso o filho não comporte-se bem. Quando o filho comportar-se bem, ganharás um brinquedo ou uma recompensa. Quando o filho cometer um erro, observa-se, tanto no Nordeste quanto em outras regiões, a predominância rural, ameaças de punição, como “vai te pegar”, “vai te levar para o bicho-papão vai te pegar”. Conforme Hoffman (1983), o estudo à realidade nordestina é o primeiro trabalho exploratório, que pode ser positivo como a ameaça de punição.

Mas a inclusão dessas duas técnicas no estudo questionamentos teóricos. As técnicas de controle

julgamentos de ordem moral. Já a inclusão de uma técnica de ameaça com conteúdos referentes ao sobrenatural permite investigar a hipótese de Piaget (1964) de que o animismo mítico e imanente, característico do pensamento infantil, pode ser reforçado pela educação do adulto.

Em relação a esse primeiro estudo, foram levantadas as seguintes hipóteses:

- 1) O controle pela explicação das consequências naturais negativas dos atos estará relacionado a um melhor desenvolvimento do julgamento moral;
- 2) As técnicas não explicativas que demonstram o uso do poder por parte do adulto, como a promessa de recompensa, a ameaça de punição real pelos agentes de socialização e a ameaça de punição por entidades sobrenaturais (Deus ou Diabo, ou outros seres mitológicos do folclore do Nordeste do Brasil) – técnica sobrenatural –, estarão relacionadas com um desenvolvimento mais pobre do julgamento moral infantil.

Método

Decidiu-se verificar, numa situação natural, a relação existente entre a forma como a mãe diz controlar o comportamento da criança e o nível de desenvolvimento do julgamento moral desta. Para isso, foram convidadas as mães de crianças que cursavam o primário em uma escola da rede pública de João Pessoa, para responder a um questionário sobre as técnicas que utilizavam para controlar o comportamento dos filhos.

Participantes

Foram entrevistadas 110 crianças e suas respectivas mães. As crianças encontravam-se distribuídas em cinco grupos de idade: 7 anos (9 meninos e 10 meninas), 8 anos (11 meninos e 11 meninas), 9 anos (10 meninos e 10 meninas), 10 anos (15 meninos e 13 meninas) e 11 anos (11 meninos e 10 meninas). As mães, que aceitaram voluntariamente o convite para participar da pesquisa, eram de classes sociais média e baixa.

(promessa de recompensa, explicação, ameaça de punição real e ameaça de punição sobrenatural), que controlar o comportamento de seu filho em 13 diferentes situações: comer, ir dormir, fazer os deveres de casa, se divertir, se divertir, brigar fisicamente, agredir verbalmente, falar palavrões, pegar escondido coisas alheias, pegar objetos perigosos, fazer jogos sexuais, sair de casa sem autorização e brincar com objetos de valor. A técnica que aparecia associada a estes 13 comportamentos era a mesma técnica, as mães deveriam indicar, em uma escala de 0 a 5, com que frequência utilizavam a técnica em cada um dos 13 comportamentos. O instrumento tinha 52 ítems.

Procedimento

As mães foram entrevistadas em duplas. As duas responderam ao questionário sobre técnicas de controle em vários grupos de, no máximo, 25 mulheres, supervisionados por vários pesquisadores. A leitura de cada ítem era feita em voz alta. Em seguida, os pesquisadores perguntavam como cada mãe havia marcado a resposta. No final de uma pesquisa exploratória, perguntou-se a cada uma das mães, no final da entrevista, sobre o que achava de pertinência do questionário utilizado. As 110 mães foram entrevistadas individualmente em ordem de apresentação das histórias fornecidas.

Resultados

Analisa-se, inicialmente, as classificações das técnicas maternas de controle do comportamento das crianças. As técnicas se agrupam em torno de cinco tipos previstos por Hoffman. Num segundo momento, analisadas as relações existentes entre as técnicas utilizadas pelas mães e o julgamento moral das crianças.

Técnicas de Controle: Seus Eixos Classificatórios

Foi efetuada sobre os escores dos 52 ítems

Tabela 1
Índices de Saturação dos dois Fatores Obtidos pela Análise dos Componentes Principais dos Escores do Instru-

Técnicas	Comportamentos	Fator I
Recompensa	Comer	0,70
	Ir dormir	0,55
	Fazer os deveres da escola	0,69
	Lavar-se	0,69
	Brigar fisicamente	0,74
	Agredir verbalmente	0,73
	Mentir	0,66
	Dizer palavrões	0,68
	Pegar escondido coisas alheias	0,46
	Brincar com objetos perigosos	0,74
Explicação	Fazer jogos sexuais	0,70
	Sair para rua sem autorização	0,73
	Brincar com objetos de valor	0,57
	Comer	
	Ir dormir	
	Fazer os deveres da escola	
	Lavar-se	
Punição real	Brigar fisicamente	
	Agredir verbalmente	
	Mentir	
	Dizer palavrões	
	Pegar escondido coisas alheias	
	Brincar com objetos perigosos	
	Fazer jogos sexuais	
Comportamentos	Sair para rua sem autorização	
	Brincar com objetos de valor	
	Comer	0,68
	Ir dormir	0,74
	Fazer os deveres da escola	0,73
	Lavar-se	0,66
	Brigar fisicamente	0,56
	Agredir verbalmente	0,80
	Mentir	0,55
	Dizer palavrões	0,69
Fator II	Pegar escondido coisas alheias	0,68
	Brincar com objetos perigosos	0,68
	Brincadeiras Sexuais	0,68
	Sair para rua sem autorização	0,56
	Brincar com objetos de valor	0,64
	Comer	0,75
	Ir dormir	0,76

Com efeito, as três técnicas de controle – ameaça de punição real, punição sobrenatural e promessa de recompensa – formam uma única atitude, onde o controle é posto sobre as consequências negativas ou positivas que não estão diretamente ligadas à ação controlada. O que caracteriza o primeiro fator é, precisamente, o acento sobre as consequências não intrínsecas à ação, mas externas a ela. Por esta razão, o fator foi denominado de Controle Externo. O segundo fator, ao contrário, traduz uma atitude em que o controle baseia-se na ênfase que é dada às consequências intrínsecas da ação e, por isso, foi denominado de Controle Interno. Análises internas mostraram que nem a idade nem o gênero das crianças afetaram significativamente a freqüência com que as mães utilizaram as duas técnicas de controle.

Técnicas de Controle e Desenvolvimento Moral

Com respeito à relação existente entre técnicas de controle e desenvolvimento moral, uma maneira de abordar a questão seria correlacionar os escores obtidos pelas crianças nos testes de moralidade com os escores dados pelas mães às duas técnicas principais. Mas isto pressuporia a existência de uma relação linear entre os dois tipos de controle e o julgamento moral, suposição esta que se mostrou inadequada, após uma primeira análise descritiva dos dados.

Tabela 2

Médias dos Escores Obtidos no Teste de Julgamento Moral em Função dos Tipos de Histórias e dos Níveis de Controle Externo e Interno

Tipo de História	Controle interno	Controle externo		
		Baixo	Médio	Alto
Agressão	Baixo	7,1 abc	6,0 defg	6,9 bcd
	Médio	6,8 bcd	6,0 defg	6,7 bcd
	Alto	7,5 ab	6,7 bcde	5,9 efg
Roubo	Baixo	7,4 ab	5,6 fg	5,5 fg
	Médio	6,3 cdef	7,3 ab	7,3 ab
	Alto	7,9	6,2	5,3

ao julgamento moral, foram considerados os escores para as histórias que versavam sobre agressão e os escores das que versavam sobre roubo.

A Análise de Variância dos escores de julgamento moral (Tabela 2) mostra um efeito significativo do controle externo ($F(2,87)=4,175; p<0,025$) e um efeito significativo entre os dois controles ($F(4,87)=2,288; p<0,05$). A variável tipo de ação também interage com o controle interno ($F(2,87)=5,076; p<0,01$) e com o controle externo ($F(4,87)=7,288; p<0,001$).

Constata-se que os escores do julgamento moral das crianças submetidas a um baixo nível de controle interno ($m=7,2$) são significativamente superiores aos das crianças submetidas aos níveis médio ($m=7,5$) e alto ($m=7,9$) de controle externo. Observa-se, também, uma interação significativa, que o efeito do tipo de ação é função do controle interno. Assim, os escores do julgamento moral encontram-se nas crianças submetidas a um alto controle interno e a um baixo controle interno ($m=7,9$ no caso do roubo e $m=7,5$ no caso da agressão), que será denominado aqui de estilo indutivo. As crianças submetidas a um alto nível de controle interno e interno ($m=5,3$ no caso do roubo e $m=5,5$ no caso da agressão) obtiveram os escores mais baixos encontrados.

moderado e baixo de controle interno, o controle externo não parece ter um efeito tão negativo. Nesta situação, quando o controle interno é baixo, parece que o controle externo permite às crianças obter, relativamente, um bom julgamento moral. Pelo contrário, nas histórias sobre roubo nos níveis alto e baixo de controle interno o controle externo é negativo.

Já as crianças submetidas a baixos níveis de controle externo e interno – que será denominado aqui de controle liberal e que corresponderia, parcialmente, ao estilo permissivo da tipologia de Baumrind – apresentam escores semelhantes aos das crianças submetidas a um alto controle interno e baixo controle externo.

Discussão

O estudo mostra claramente a existência de dois fatores subjacentes às diversas técnicas. Esses dois fatores, que foram denominados de controle externo e controle interno, estariam relacionados a duas modalidades de contingência entre a ação e suas consequências. Mas deve-se ter em conta que os dois fatores constituem duas dimensões separadas, independentes, e não pólos extremos de uma única dimensão, o que quer dizer que é possível encontrar mães que tanto utilizam intensivamente as duas formas de controle como se abstêm de utilizar ambas as formas numa clara posição de *laissez faire*. Essas duas dimensões ou formas de controle podem ser comparadas aos processos de indução e de sensibilização propostos por Aronfreed (1976) e serviriam, também, para entender estruturas mais globais de interação pais-crianças, como as formuladas por Baumrind (1971). Neste sentido, acredita-se que o uso intensivo das duas formas de controle, interno e externo, corresponderia ao estilo direutivo, a ausência de controle corresponderia ao estilo permissivo e o alto uso do controle externo e baixo do controle interno ao estilo autoritário.

Adotando-se essa nomenclatura e fazendo-se uma comparação entre os resultados aqui encontrados e os

concerne ao aspecto da pressão situacionais: a condição “liberal” (nível 1) e a condição “restritiva” (níveis 2 e 3). Observa-se que as crianças na condição “liberal” obtiveram resultados significativamente superiores àqueles na condição “restritiva”, tanto quanto em relação ao roubo. Estes resultados confirmam a teoria de Piaget (1932), segundo a qual os pais às crianças favoreceria o comportamento de respeito à propriedade alheia. É importante constatar que a diferença é significativa para os dois tipos de roubos.

Em relação ao aspecto do controle, se também distinguir entre um estilo (alto nível de controle interno e baixo nível de controle externo) e um estilo puramente externo) e um estilo puramente interno e alto nível de controle interno. Os resultados mostram que o estilo mais eficaz que o estilo externo é o roubô. No caso da agressão, esteja na direção esperada, não a inversa. Esta parte dos resultados confirma a teoria de Bandura (1968), Bandura (1977) e Hoffman (1977), que as crianças aprenderiam dos pais não só os mesmos comportamentos, mas também princípios que lhes indicariam quais normas que as guiassem em suas ações.

A este propósito, é pertinente marcar da indução apresentada sobre o roubo. De fato, as apresentam situações menos do que as histórias sobre julgamento mais racional daque as crianças forçadas a aprenderam, seja diretamente, a partir das experiências com as atitudes liberais dos pais. Mas esses resultados sejam devidos a das histórias sobre o roubo.

Mas um segundo aspecto, este mais teórico, sugeria não só repetir o primeiro estudo, como também aprofundá-lo. De fato, os resultados do primeiro estudo levantaram a possibilidade da compreensão ter influenciado no julgamento das histórias de agressão e roubo. Assim, tornou-se necessário controlar essa variável no segundo estudo. Decidiu-se, portanto, não só facilitar a compreensão das histórias utilizando ilustrações de fácil visualização para crianças, mas também controlar o grau de dificuldade das histórias, variando sistematicamente o grau das consequências e o tipo de intenções.

Um outro aspecto teórico concernente às técnicas de controle materno indicava também a necessidade de reformular o método empregado na primeira pesquisa. Para que os dois fatores obtidos no primeiro estudo, controles externo e interno, pudessem ser interpretados na perspectiva de Aronfreed (1976), desejou-se verificar se a técnica da “retirada de afeto” – não analisada no primeiro estudo – integrar-se-ia ao eixo das técnicas de controle externo, como sugerido por este autor, quando a caracteriza como desaprovação ou ameaça de rejeição. Ao aumentar o número de técnicas, decidiu-se eliminar algumas atividades que, segundo as mães, não constituíam objeto de controle freqüente.

Em relação ao segundo estudo, foram levantadas as seguintes hipóteses:

- 1) No que concerne às diversas técnicas maternas de controle, espera-se que elas se agrupem nos dois fatores obtidos na primeira pesquisa: o controle externo e o interno, fatores interpretados como correspondendo a dois modelos de relação de contingência entre as ações e suas consequências, modelos que são transmitidos pelos pais aos filhos ou que são experimentados pelas crianças a partir de uma certa autonomia dada pelos pais;
- 2) Espera-se, também, que o controle externo tenha um efeito negativo sobre o desenvolvimento moral das crianças, enquanto que o controle interno tenha um efeito positivo;

desenvolvimento do julgamento moral em que se desejava uma amostra maior escola de maior porte da rede pública convidaram-se as mães das crianças que cumpriam a participar do estudo.

Participantes

Neste segundo estudo, foram observadas suas respectivas mães. Como no estudo anterior, tinham, em sua maioria, o primário nível de instrução, empregadas domésticas. As crianças enquadram-se nas idades de 5 anos (18 meninos e 19 meninas), 6 anos (16 meninos e 20 meninas), 7 anos (16 meninos e 19 meninas), 8 anos (18 meninos e 19 meninas), 9 anos (16 meninos e 19 meninas) e 10 anos (19 meninos e 15 meninas). As crianças cursavam as séries correspondentes.

Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos: o Julgamento Moral e o Instrumento de Controle. Para o primeiro instrumento, foram elaboradas 12 histórias, semelhantes aos da pesquisa anterior, além dos dois tipos de controles – roubo e agressão –, foram manipuladas considerando-se três formas de comparação entre as histórias: de intenções (sem intenção *versus* intenção), de intenções altruísta *versus* intenção hostil; e sem intenção altruísta *versus* intenção hostil. As histórias eram acompanhadas de ilustrações que auxiliavam a compreensão das histórias, estas eram acompanhadas de ilustrações que auxiliavam a compreensão das histórias. Uma história era seguida de uma cena relativa à intenção ou ao resultado da ação do protagonista de executar uma ação, uma cena mostrando a ação do protagonista e uma cena mostrando o resultado da ação. Cada história era acompanhada de uma questão para avaliar o julgamento moral e a compreensão da história.

Exemplo: História sobre agressão: intenção *versus* intenção hostil; consequência *versus* consequência hostil.

Colocando as histórias em ordem aleatória,

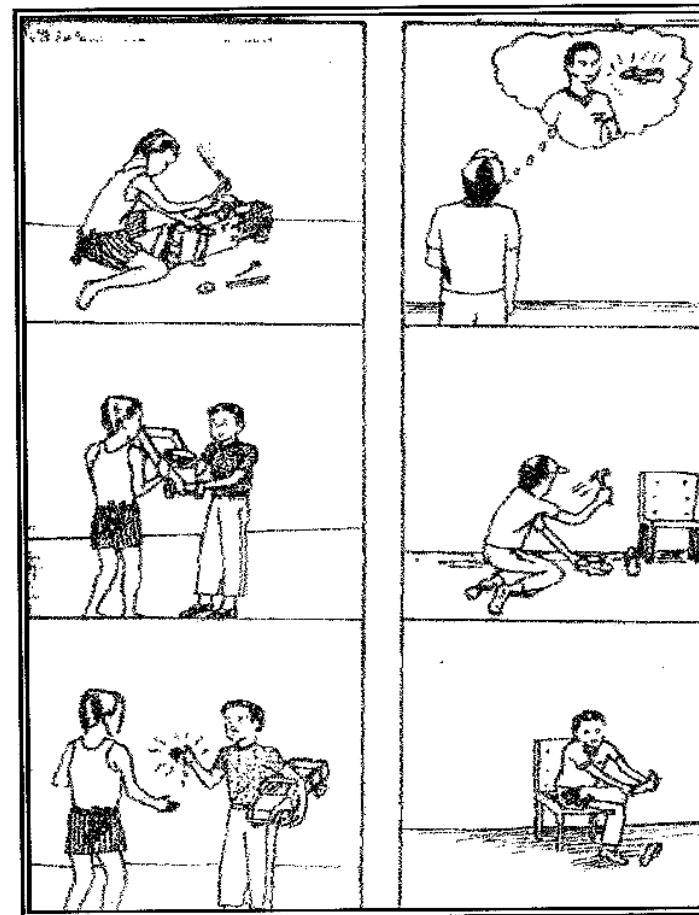


Figura 1. Exemplo das histórias elaboradas para avaliar o índice de julgamento.

Já o Instrumento de Técnicas de Controle era semelhante ao da pesquisa anterior, porém com algumas modificações. No que diz respeito ao número de técnicas, estas passaram de 4 para 5 com a introdução da técnica “retirada de afeto”. Assim, as técnicas estudadas foram: Punição Real, Recompensa, Punição Sobrenatural, Explicação e Retirada de Afeto. Em relação aos comportamentos, foram suprimidos

em lugar de uma. Após a leitura de cada história, os desenhos, os principais comportamentos e a compreensão da criança. Caso necessário, a criança pode desenhar o que entendeu ou o quanto fosse preciso.

Resultados

Seguindo o que mencionado

Tabela 3.
Índices de Saturação dos dois Fatores Principais por cada Item do Instrumento de Técnicas de Controle Materno

Técnicas	Comportamentos	Fator I	Fator
Punição real	Fazer os deveres da escola	0,58	
	Agressão física	0,48	
	Pegar as coisas dos outros	0,59	
	Agressão verbal	0,53	
	Se lavar	0,69	
	Brincar com objetos perigosos	0,52	
	Mentir	0,55	
	Jogos sexuais	0,64	
	Ir dormir	0,81	
Recompensa	Fazer os deveres da escola	0,42	
	Agressão física	0,63	
	Pegar as coisas dos outros	0,48	
	Agressão verbal	0,61	
	Se lavar	0,56	
	Brincar com objetos perigosos	0,58	
	Mentir	0,61	
	Jogos sexuais	0,60	
	Ir dormir	0,68	
Punição sobrenatural	Fazer os deveres da escola	0,66	
	Agressão física	0,47	
	Pegar as coisas dos outros	0,32	
	Agressão verbal	0,51	0,36
	Se lavar	0,66	
	Brincar com objetos perigosos	0,66	
	Mentir	0,42	
	Jogos sexuais	0,55	0,40
	Ir dormir	0,77	
Explicação	Fazer os deveres da escola	0,38	
	Agressão física	0,40	
	Pegar as coisas dos outros	0,68	
	Agressão verbal	0,70	
	Se lavar	0,43	
	Brincar com objetos perigosos	0,68	
	Mentir	0,68	
	Jogos sexuais	0,73	
	Ir dormir	0,49	

fatores eram correlacionados (Hartman, 1967). Os resultados, confirmado as hipóteses (Tabela 3), mostram que as 45 questões correspondem a dois fatores principais que explicam em torno de 40% da variância dos dados. O primeiro fator, que explica 31% da variância e possui um coeficiente de fidedignidade α de Crombach de 0,81, é formado por 36 itens: 9 da escala de punição real, 9 da escala de recompensa, 8 da escala de punição sobrenatural (com exceção do item sobre roubo), os 9 itens da escala de retirada de afeto e, surpreendentemente, 1 item da escala de explicação (jogos sexuais). O segundo fator – considerando índices de saturação acima de 0,40 – foi constituído por 6 itens da escala de explicação (os itens sobre roubo, as agressões verbais e físicas, a higiene, os jogos com objetos perigosos, a mentira).

Foram, portanto, encontrados os dois mesmos tipos de controle subjacentes às diversas técnicas, como se tinha obtido na primeira pesquisa. Constatou-se, também, que a técnica de controle “retirada de afeto” fazia parte do controle externo.

Tipo de Controle e Julgamento Moral

Para verificar a influência dos tipos de controle sobre o julgamento, procedeu-se a uma Análise de Variância dos escores de julgamento moral, utilizando os dois tipos de controle como variáveis independentes e as características dos dilemas morais como medidas repetidas. Esta análise mostra uma interação praticamente significativa entre Ação x Contraste x Controle Externo ($F(9,398)=2,31; p=0,057$), como se pode constatar na Tabela 4.

Com efeito, observa-se, nesta tabela, assim como na primeira pesquisa, o efeito negativo do controle externo sobre o desenvolvimento moral das crianças. Por outro lado,

o fato de que a técnica de retirada externa revela seu efeito negativo moral e parece confirmar a suposição de que haveria consequências significativas em função de diferenças na contingência entre a atividade de controle parental. Observa-se, também, que o resultado da terapia tenha ocorrido como resultado das metodologias introduzidas nesse estudo.

Por outro lado, verifica-se, que o estilo indutivo facilita, julgamento moral das crianças.

Tabela 4

Médias dos Escores de Julgamento Moral em Função do Tipo de História, Tipo de Contraste e Co.

Tipo de controle	Tipo de processo	Controle Externo	
		Reino	Médio

controle puramente externo –, salvo no segundo contraste. Porém, diferentemente da primeira pesquisa, observa-se que as crianças submetidas concomitantemente a altos controles externo e interno – estilo restritivo – apresentam resultados semelhantes aos do estilo liberal e mais elevados do que os submetidos ao estilo externo.

Tabela 5

Médias dos Escores de Julgamento Moral em Função dos Contrastes de Intenção e dos Fatores de Controle Externo

Contraste de intenções	Controle interno	Baixo	Médio	Alto
<i>1º Contraste</i>				
sem intenção	baixo	6,8 a	6,1 ab	3,7
X	médio	5,5 ab	6,0 ab	4,9
intenção hostil	alto	5,5 b	5,9 ab	6,2
<i>2º Contraste</i>				
intenção altruísta	baixo	6,7 a	5,8 ab	4,2
X	médio	5,0 bc	5,6 ab	4,8
intenção hostil	alto	5,4 abc	5,9 ab	5,9
<i>3º Contraste</i>				
sem intenção	baixo	4,7 ab	4,6 ab	2,2
X	médio	4,0 ab	3,7 ab	3,5
intenção altruísta	alto	4,8 a	4,1 ab	3,5
Total controle externo		5,4 A	5,3 A	4,3

Discussão

Os resultados obtidos não reproduzem a diferença significativa que se tinha encontrado anteriormente entre a condição “liberal” (nível baixo nos dois tipos de controle) e a condição “restritiva” (nível elevado nos dois tipos de controle), apesar de que as diferenças estejam no sentido esperado. Esta ausência de significância deve-se aos resultados relativamente bons das crianças de estilo restritivo. Estas últimas obtiveram melhores resultados do que as

contingência entre a atividade da criança e se que seriam aprendidas nas diferentes fases (Aronfreed, 1968).

3º Estudo, Experimental, Sobre a Validade de Controle e sua Relação com o Desenvolvimento do Julgamento Moral

Tendo em vista os resultados das crianças de campo, que demonstraram claramente que as técnicas de controle investigadas agruparam-se

- b) Mães de alto controle interno (ACI) no questionário demonstrarão uma maior freqüência de comportamentos de controle interno, em situação experimental, do que as mães de baixo controle interno (BCI) no questionário.
 - c) Mães que no questionário se revelam com estilo restritivo de controle (alto externo/alto interno) mostrarão, em situação de laboratório, um maior uso de ambos os controles em termos comportamentais do que as mães que se revelam de estilo liberal (baixo externo, baixo interno) no questionário.

2) Sobre a relação entre os tipos de controle materno e o julgamento moral:

- a) Maior uso de controle externo pela mãe resultará em menor julgamento moral da criança.
 - b) Maior uso de controle interno pela mãe resultará em maior julgamento moral.
 - c) Maior uso de restrição pela mãe resultará em menor julgamento moral da criança.

Método

Estudos Pilotos

Antes de proceder ao teste experimental dessas hipóteses, fez-se necessário proceder a dois estudos pilotos, a fim de tornar o mais válido possível o conjunto de processos operacionais próprios da pesquisa experimental.

a) Estudos prévios para determinar os brinquedos atrativos: O objetivo central do procedimento experimental consistia em criar uma situação de tentação real para as crianças, onde se pudesse observar diretamente a maneira como as mães realmente⁴ controlam o comportamento de seus filhos. Como se supôs que as crianças são mais tentadas a tocar os brinquedos mais atrativos, fez-se necessário estabelecer *a priori* quais os brinquedos de que as crianças, com as características da amostra a ser estudada, mais gostavam e dos que elas menos gostavam.

Para isto, em um primeiro momento, pediu-se às 72 crianças⁵ – alunas da primeira série do primeiro grau de

branco, 1 caminhão a pilhas, pequeno vermelho e 1 tanque grande, 1 liquidificador, 1 boneca de barbante, 1 jogo de pequena.

Em um segundo momento, preferência por esses brinquedos meninas e 15 meninos, pertencentes à rede pública da cidade de João Pessoa, níveis sócio-econômicos e de idade etária das 72 crianças do estudo, indicaram que o brinquedo mais popular foi o trem e, para as meninas, os brinquedos foram considerados "proibidos", devendo a mãe evitar que um deles fosse tocado.

b) Estudo piloto para observação: Fazia-se necessária folha de observação que permitisse a observação das mães na situação experimental. A observação foi elaborada a partir do questionário sobre contraste, segundo estudo. A viabilidade da observação foi testada com 18 diádes de alunos da primeira série do ensino público de João Pessoa e estava nas idades de 7 a 9 anos. Os resultados da folha de observação não precisaram de tempo de registro estabelecido.

Estudo Experimental

O objetivo principal da pesquisa é de uma situação de laboratório declarado pela mãe no quesito controle exercido por ela na tentativa de se criar uma situação experimental do ambiente natural e que permite à mãe de evitar os comportamentos brinquedos proibidos. A

que utilizavam com seus filhos. Posteriormente, as crianças foram contatadas na sala de aulas e convidadas a responder a um conjunto de dilemas morais.

Instrumento para as mães sobre Técnicas de Controle Materno

O questionário sobre técnicas de controle materno utilizado neste estudo constou de 25 itens extraídos do questionário da segunda pesquisa, usando-se, para a seleção dos itens, o índice de saturação dos mesmos em relação aos dois fatores ou controles (externo e interno). Os 25 itens foram colocados de maneira aleatória. Cada pergunta continha cinco alternativas de resposta: sempre, muitas vezes, regularmente, poucas vezes e nunca.

A composição formal do questionário foi a seguinte: 8 itens sobre retirada de afeto, 3 itens sobre ameaça de punição real, 5 itens sobre promessa de recompensa, 4 itens sobre punição sobrenatural e 5 itens sobre explicação.

Instrumento de Julgamento Moral

A entrevista constou de dois pares de dilemas morais com conteúdo agressivo, retirados da segunda pesquisa. Optou-se, nesta pesquisa, pela redução do número de dilemas a fim de não cansar as crianças, pois algumas destas deveriam participar da segunda fase. A escolha dos dilemas com conteúdo agressivo foi motivada pelo fato de, na abordagem construtivista, esse conteúdo ser pouco usado.

2ª Fase: Nesta fase, extraíram-se da amostra total 28 crianças, 14 meninos e 14 meninas, cujas mães foram classificadas pelo Instrumento de Técnicas de Controle como de alto ou baixo controle externo e de alto ou baixo controle interno. Foram consideradas como de alto controle as mães cujos escores situavam-se acima do percentil 66,6 e de baixo controle as mães cujos escores situavam-se abaixo do percentil 33,3. As mães assim selecionadas foram solicitadas, através de comunicação escrita, a se apresentar, junto com seus filhos, no centro de avaliação, para responder a dilemas morais.

“proibido”), porque pode quebrar-se, é nosso”. Dadas estas instruções, deixava-se a sós, fechando a porta, dando assim indicações de comportamento da mãe por duas observadoras, anotadas, na folha de observação. As verbalizações, os gestos, atos da mãe para com o filho tocassem no objeto proibido.

Nesta sala, havia uma escrivaninha, brinquedos e um espelho unilateral. Sobre a escrivaninha, no ângulo da sala, foram colocados os brinquedos quais as criança podiam entreter-se. À direita da escrivaninha, havia uma cadeira destinada ao pai, e à esquerda havia outra cadeira para a criança. A cadeira destinada ao pai, que foi considerada mais adequada para observar o comportamento da mãe (gestos, expressões faciais), através do espelho unilateral que se encontrava entre a escrivaninha e a cadeira destinada à criança. Os brinquedos “proibidos” – trenzinho, boneca para as meninas –, considerados inadequados no estudo prévio, foram colocados a uma distância da escrivaninha, para que ela, ao querer pegá-lo, tivesse que expressamente para ele. Transcorridos cinco minutos, a assistente aparecia, batendo previamente à porta, para que já podiam ser atendidos. Nesse momento, a assistente contava a história da criança o terceiro par de histórias sobre justificando, assim, a presença da mãe e da criança.

Resultados

Neste último estudo, verificar-se-á a validade do Instrumento de Técnicas de Controle Materno, comparando-se os escores dados a este instrumento com os comportamentos observados na situação de avaliação. Para tanto, num segundo momento, como foi feito nos primeiros estudos, analisar a relação entre as técnicas empregadas pelas mães e o desenvolvimento moral dos filhos.

Validação do Instrumento

Conforme o que é dito na Tabela 6, a validade

Tabela 6

Médias de Intervenções das Mães Utilizando Técnicas de Controle Externo e Interno em Função dos Níveis de Controle Externo e Interno

Frequências observadas das mães usando técnicas:	Classificação das mães nas escalas de controle:			
	Baixo externo (BCE)	Alto externo [ACE]	Baixo interno (BCI)	Alto interno [ACI]
de controle externo	<i>m</i> 0,11	<i>n</i> ; <i>dp</i> (09) ; 0,33	<i>m</i> 1,00	<i>n</i> ; <i>dp</i> (13) ; 1,15
de controle interno	<i>m</i> 0,0	<i>n</i> ; <i>dp</i> (10) ; 0,00	<i>m</i> 0,17	<i>n</i> ; <i>dp</i> (12) ; 0,39

Tabela 7

Médias de Intervenções das Mães Utilizando Técnicas de Controle Externo e Interno em Função dos Estilos de Escalas

Frequências observadas das mães usando técnicas:	Estilos de controle das mães		Teste	
	Estilo liberal (n=11)	Restritivo (n=08)		
de controle externo	<i>m</i> 0,00	<i>dp</i> 0,00	<i>m</i> 0,25	<i>dp</i> 0,46
de controle interno	<i>m</i> 0,00	<i>dp</i> 0,00	<i>m</i> 0,87	<i>dp</i> 1,46

Tabela 8

Escores Médios de Julgamento Moral das Crianças em Função dos Níveis de cada Escala de Controle e dos Estilos Ambas

Classificação das mães nas Escalas de Controle						Am
Baixo controle externo [BCE]			Alto controle externo [ACE]			T
<i>m</i> 7,09	<i>N</i> 12	<i>dp</i> 1,30	<i>m</i> 6,70	<i>N</i> 10	<i>dp</i> 2,75	T ₂
Baixo controle interno [BCI]			Alto controle interno [ACI]			T
<i>m</i> 6,30	<i>N</i> 10	<i>dp</i> 1,84	<i>m</i> 7,41	<i>N</i> 12	<i>dp</i> 2,06	T ₂
Estilo liberal			Estilo restritivo			T

último resultado, a diferença tende a ser significativa. Já as hipóteses concernentes à relação entre estilos de controle e julgamento moral não foram confirmadas, nem vão na direção esperada. Como se pode observar na Tabela 8, o julgamento moral das crianças cujas mães possuem estilo liberal não se diferencia daquele das crianças cujas mães possuem estilo restritivo.

Discussão

O conjunto de resultados obtidos através da última pesquisa relatada permite considerar os dois aspectos centrais dos três estudos: tipos de controle materno e julgamento moral.

Mães que se auto avaliaram como utilizadoras de alto controle externo no questionário realmente utilizaram, na situação de laboratório, em maior freqüência este tipo de controle do que mães de baixo controle externo. Também foi observado, na situação de laboratório, o uso freqüente de controle interno declarado pelas mães no questionário. Igualmente, verificou-se que mães categorizadas como de estilo restritivo (alto controle externo e alto controle interno) demonstraram maior uso de alto controle externo e de alto controle interno do que mães de estilo liberal.

Com relação à influência das técnicas de controle materno sobre o julgamento moral da criança, não foram encontrados resultados significativos. A explicação mais adequada para este fato parece ser a seguinte: nas investigações anteriores foram utilizados 12 pares de histórias, enquanto no presente estudo foram aplicados somente três pares de histórias. É possível que estes nove pares possuam maior poder de discriminação e detecção dos fatores envolvidos em cada tipo de controle. Uma outra justificativa poderia ser encontrada no tamanho da amostra. Nos estudos anteriores, participaram mais de 100 crianças, enquanto no presente estudo, o julgamento moral foi avaliado apenas em parte da amostra (28 crianças).

Conclusões

Desde a primeira pesquisa, tem-se constatado que os dois fatores principais em função da contingência entre o ato proibido e as consequências da transgressão acarreta. No primeiro fator, é o fator externo de contingência que é utilizado para produzir consequências para a criança, tanto positivas quanto negativas. As consequências positivas seriam produzidas não pelo ato, em si, da transgressão, mas pela intervenção de um agente exterior (físico ou espiritual). Ao contrário, no segundo fator, é colocado sobre a criança as consequências negativas da transgressão.

ato de transgredir. Esta interpretação teórica em função da contingência entre o ato e suas consequências para os pais, parece confirmada, na segunda pesquisa, que a técnica de retirada de afeto faz com que o controle externo. Em geral, esta técnica é uma técnica indutiva, sob o termo de técnica (Allinson & Greening, 1955; Aronfreder, 1983) uma técnica intermediária entre as técnicas coercitivas (Hoffman, 1970, 1983).

Mas se pode igualmente pensar que o constituído pelo fato de que todas essas tarefas da criança para si mesma e para as consequências que poderiam lhe acontecer em caso de necessário, porém, lembrar que, nas discussões sobre a técnica explicativa faz simultaneamente, às consequências negativas para a criança e para outras pessoas. E em certos comportamentos, estudar, se lavar, ir dormir, etc., as consequências negativas sugeridas era a própria criança.

Por outro lado, é interessante distinguir técnicas explicativas, conforme Hoffman, técnicas induutivas orientadas para as condutas dos atos das técnicas racionais que geram consequências para o próprio sujeito. Se estas diferentes formas de indução afetariam a concepção moral das crianças. As adolescentes cujos pais utilizam freqüentemente

A partir da interpretação teórica que se tem dado a cada um dos dois controles principais (fatores), pode-se melhor compreender através de quais processos se efetuam as suas influências sobre o julgamento moral das crianças. Assim, o controle externo, fazendo repousar as consequências tanto negativas como positivas para a criança sobre os agentes sociais, reforça a dependência externa desta, dificultando o processo de socialização (Hoffman, 1970, 1983; Maccoby & Martin, 1983). As noções do bem e do mal ficariam, assim, ligadas ao querer das autoridades. A criança não atingiria uma moralidade heterônoma subjetiva, porque o modelo de contingência externa não conduz a criança à descoberta de sua responsabilidade frente às consequências negativas, que derivam de sua própria ação. Esta dependência constitui uma característica essencial da moralidade heterônoma descrita por Piaget (1932).

Um outro aspecto negativo das consequências do controle externo para as crianças, quando a punição física é utilizada, diz respeito ao surgimento de comportamentos agressivos na criança e às dificuldades desta de processar adequadamente informações sociais (Weiss, Dodge, Bates & Pettit, 1992). Também sobre o efeito negativo da punição, Crano e Mendoza (1987) verificaram que as mães punitivas dificultam as relações sociais de seus filhos.

Ao contrário, as técnicas explicativas – racionais ou indutivas –, ao dirigir a atenção da criança sobre as consequências futuras da sua ação, sobre o meio e sobre si mesma, em domínios que não são apenas de satisfação ou de prazeres imediatos, facilitariam tanto os processos de descentração da criança como a aquisição do sentimento de responsabilidade em relação a seus atos. Neste sentido, considera-se, numa perspectiva diferente da de Piaget, que as relações hierarquizadas não são apenas reforçadoras da moral heterônoma – etapa necessária na primeira infância –, mas que também podem beneficiar a moral autônoma, uma vez que a relação desigual pode orientar a criança para um sistema de comunicação que lhe permita uma melhor aprendizagem de seu meio. É interessante

(1932), para quem a criança se deve educar de forma medida que seus pais e outros diminuíssem suas influências e a adotar este ponto de vista, é inverso de ser a condição liberal que defende a liberdade da criança, como se supõe aqui. A mãe, pelo fato de não apresentar um controle materno. A este respeito, que alguns aspectos da criança, como a ansiedade, influenciam na escolha de estratégias disciplinares.

Além disso, como indicado, diversos mecanismos de socialização no desenvolvimento da moralidade num contexto mais completo e interpessoais, incluam tanto os pais como o conjunto de valores que a sociedade. Sendo assim, pode-se por um ou outro tipo de técnica estaria ligada ao maior ou menor nível a determinados valores sociais. das técnicas de controle interno, a prevenção de consequências tais de uma ação, pode-se pensar na valorização do desenvolvimento. Do outro lado, ao centrar-se nas matérias da desobediência, nas técnicas de controle externo e do conformismo e dos valores.

É neste sentido que se pode dizer que o controle parental na atual crise da sociedade brasileira. O uso de técnicas de controle externo, obviamente, estaria reforçando valores menos observáveis em nossa sociedade, utilizando a teoria de valores de Schwartz & Bilsky, 1987, 1990, que filhos de pais inductivos adotam. Um estudo de Pachioni (1991) indica que

Referências

- Allinsmith, W. & Greening, T. C. (1955). Guilt over anger as predicted from parental discipline: A study of superego development. *American Psychologist*, 10, 320.
- Apel, K-O. (1992). *Estudos de moral moderna*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Aronfreed, J. (1961). The nature, variety and social patterning of internalized response to transgression. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63, 223-240.
- Aronfreed, J. (1968). *Conduct and conscience: The socialization of internalized control over behavior*. New York: Academic Press.
- Aronfreed, J. (1976). Moral development from the standpoint of a general psychological theory. Em T. Lickona (Org.), *Moral development and behavior: Theory, research and social issues* (pp. 54-69). New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Baumrind, D. (1968). Authoritarian vs. authoritative parental control. *Adolescence*, 3, 255-272.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4, 1-103.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11, 56-95.
- Baumrind, D. (1996). The discipline controversy revisited. *Family Relations*, 45, 405-414.
- Brown, R. (1965). *Social Psychology*. New York: Free Press.
- Camino, C., Batista, L., Reis, R., Rique, J., Luna, V. & Cavalcanti, M. G. (1994). A transmissão de valores morais em personagens de TV. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 7, 29-46.
- Camino, C. & Cavalcanti, M. G. (1998). Valores morais transmitidos por telenovelas brasileiras: Vale Tudo, Tietê, Salvador da Pátria. Em M. L. T. Nunes (Org.), *Moral & TV* (pp. 90-148). Porto Alegre: Evangraf.
- Camino, C., Cavalcanti, M. G. & Rique, J. (1992). Empathy and morality [Resumo]. *Resumos de comunicações científicas, XXV International Congress of Psychology* (p. 226). Bruxelles, Bélgique.
- Camino C., Camino, L. & Leyens J-P. (1996). Julgamento moral, emoção e empatia. Em Z. A. Trindade & C. Camino (Orgs.), *Cognição social e juízo moral* (pp. 109-135). Rio de Janeiro: ANPEPP.
- Camino, L. (1996). A socialização política: Uma análise em termos de participação social. Em L. Camino & P. R. M. Menandro (Orgs.), *A sociedade na perspectiva da psicologia: Questões teóricas e metodológicas* (pp. 14-36). Rio de Janeiro: ANPEPP.
- Camino, L., Da Silva, P., Machado, A. & Pereira, C. (2001). A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicosociológica. *Revista Psicologia Política*, 1, 13-36.
- Chapman, M. (1979). Listening to reason: Children's attentiveness and parental discipline. *Merrill-Palmer Quarterly*, 25, 251-263.
- Crano, W. D. & Mendoza, J. L. (1987). Maternal factors that influence children's positive behavior: Demonstration of a structural equation analysis of selected data from the Berkeley Growth study. *Child Development*, 58, 38-48.
- Hoffman, M. L. (1975). Moral internalization, parent nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology*, 11, 320.
- Hoffman, M. L. (1983). Affective and cognitive internalization: An information processing approach. Em D. Rulif & W. Hartup (Orgs.), *Social cognition and socio-cultural perspective* (pp. 236-274). New York: Press.
- Hoffman, M. L. (1994). Discipline and internalization. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 26-28.
- Hoffman, M. L. & Saltzstein, H. (1967). Parental development. *Journal of Personality and Social Psychology*, 13, 101-107.
- Inglehart, R. (1977). *The silent revolution*. Princeton: Princeton University Press.
- Inglehart, R. (1991). *El cambio cultural en las sociedades avanzadas*. Madrid: Siglo XXI de España Editores.
- Inglehart, R. (1994). Modernización y pós-modernización: la relación entre el desarrollo económico, cambios culturales y cambios políticos. Em J. D. Nicolás & R. Inglehart (Orgs.), *Tendencias culturales y políticas* (pp. 63-107). Madrid: Alianza.
- Jones, E. E. & Gerard, H. B. (1967). *Foundations of social perception*. New York: Wiley & Sons.
- Kaye, K. (1982). *The mental and social life of babies*. Bruxelles: Pergamon.
- Kochanska, G. (1993). Toward a synthesis of parent-child temperament in early development. *Development and Psychopathology*, 64, 325-347.
- Kohlberg, L. (1976). Moral stages and moralization. Em T. Lickona (Org.), *Moral development and behavior: Theory, research and social issues* (pp. 31-53). New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Kohlberg, L. (1984). *Essays on moral development: The psychological approach*. Vol. 2. New York: Harper & Row.
- Maccoby, E. (1994). The role of parents in the socialization of children: An historical overview. Em R. D. Parke & C. Zahn-Waxler (Orgs.), *A century of social development* (pp. 589-615). Washington, DC: American Psychological Association.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the family: Parent-child interaction. Em P. H. Mussen (Org.), *Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development* (pp. 1-102). New York: Wiley.
- Musitu, G. & García, F. (2001). *Escala de socialización y moralidad*. Madrid: TEA.
- Parke, R. D. (1977). Punishment in children: Effects and alternative strategies. Em H. L. Hom Jr. & R. D. Parke (Orgs.), *Psychological processes in early education* (pp. 71-97). New York: Academic Press.
- Pereira, C. R., Lima, M. E. & Camino, L. (2001). A proposta de uma atitudes democráticas de estudantes universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 177-190.
- Piaget, J. (1932). *Le jugement moral chez l'enfant*. Paris: Hermann.
- Piaget, J. (1964). *Six études de Psychologie*. Genève: Gontaut.

- Tajfel, H. (1981). *Human groups and social categories*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Vasquez, S. (1969/1983). *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Walker, L. J. (1999). The family context for moral development. *Journal of Moral Education*, 28, 261-264.
- Weiss, B., Dodge, K. A., Bates, J. E. & Pettit, G. S. (1992). Some consequences of early harsh discipline: Child aggression and a maladaptive social information processing style. *Child Development*, 63, 1321-1335.
- Zigler, E. & Child I. L. (1969). Socio-Aronson (Orgs.), *The handbook of Social Learning Theory*. Massachusetts: Addison-Wesley.

Sobre os autores

Cleonice Camino é Professora da Universidade Federal de Pernambuco.

Leoncio Camino é Professor da Universidade Federal da Paraíba.

Raquel Moraes é Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. É Professora da Universidade Estadual da Paraíba.

Grupo de Pesquisa em Interação Social Desenvolvimento e Psicopatologia

- GIDEP -

O objetivo do GIDEP é produzir conhecimentos para a teoria e prática na área de desenvolvimento e psicopatologia. Em particular, busca-se investigar os fatores socio-emocionais e cognitivos no desenvolvimento normal e atípico dentro do contexto de interações entre criança, criança-criança, e adolescente-família. O GIDEP está empenhado na qualificação de pesquisadores e profissionais dentro de uma perspectiva interdisciplinar. O GIDEP consiste em um dos *Grupos de Pesquisa* do CNPq/UFRGS. Sete teses e 39 dissertações foram defendidas ou estão em orientação no Grupo.

Participantes e linhas de pesquisa

Cesar A. Piccinini (PhD pela University of London): Interação pais-bebê/criança; Aprendizagem e desenvolvimento; Temperamento infantil; Estratégias educativas parentais.

Tânia M. Sperb (PhD pela University of London): Interação de crianças; Cultura e desenvolvimento; Narrativas, desenvolvimento e psicopatologia.

Rita Sobreira-Lopes (PhD pela University of London): O desenvolvimento sócio-emocional no contexto das relações familiares; relações pais-filhos em momentos de transição; Desenvolvimento da autonomia na família.

Participam ainda do grupo um técnico de audiovisual, 07 Doutorandos, 10 Mestrando e 10 Bolsistas de Iniciação Científica.

Cleonice A. Bosa (PhD pela University of London): interação pais-criança e desenvolvimento atípico; impacto dos transtornos do desenvolvimento na família; autismo.

Infra-estrutura do GIDEP: O Grupo mantém o *Laboratório de Observação de Processos Interacionais*, equipado com sofisticados equipamentos de gravação, digitalização e edição de imagens em vídeo, o que possibilita análises sistemáticas das observações gravadas.

Contatos internacionais e convidados pelo Grupo: Artin Goncu (EUA/1993); A. Watilon (Bélgica/1997); Jan Valsiner (EUA/1995); Jonathan Tudge (EUA/desde 1994); Pierre (Canadá/1999); Balézia Espino (Suiça/1997); Stuart Miller (Inglaterra/ desde 1997).